

HG 9239 V

B. N. L.

9239

H.-G.

A INGLATERRA E OS SEUS
ESFORÇOS PELA MANUTENÇÃO
DA PAZ.

NARRATIVA DAS NEGOCIAÇÕES ANGLO-
GERMANICAS 1898—1914.

EXTRAHIDA DE FONTES AUTORIZADAS.

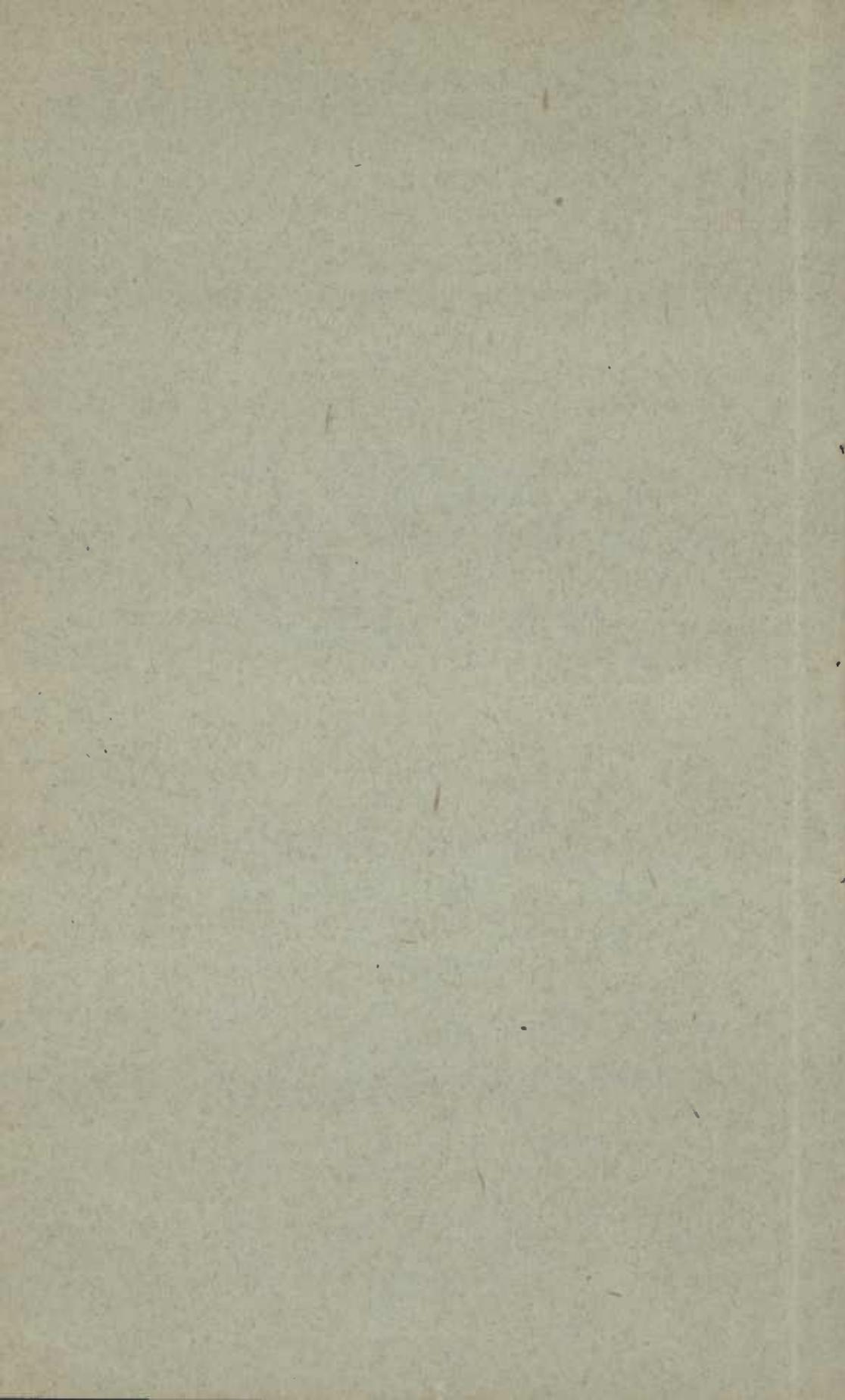
POR

SIR EDWARD COOK.

LONDON :
EYRE & SPOTTISWOODE, LTD.

1914.





48
9239

**A INGLATERRA E OS SEUS
ESFORÇOS PELA MANUTENÇÃO
DA PAZ.**

**NARRATIVA DAS NEGOCIAÇÕES ANGLO-
GERMANICAS 1898—1914.**

EXTRAHIDA DE FONTES AUTORIZADAS.

5-8571



POR

SIR EDWARD COOK.

CONTHEUDO.

	PAGINA
PREFACIO	4
PRELIMINAR:	5
A Allemanha e o seu "Logar ao Sol": Accordos Anglo-Germanicos. O desafio naval.	
I.—TENTATIVAS DE ACCORDO INTERNACIONAL: 1899, 1907	7
Proposta do Czar. Aviso de Mr. Goschen (1899). A conferencia da Haya (1899). Lei naval Allemã (1900). Proposta para segunda conferencia (1906). Reducções navaes Britannicas (1906). Appello de Sir H. Campbell Bannerman (1907). Recusa Allemã.	
II.—TENTATIVAS DE NEGOCIAÇÕES NAVAES COM A ALLEMANHA: 1907, 1908	9
Offerta Inglesa na segunda conferencia da Haya (1907). Annuncia-se a acceleração do programma Allemão (1908). Conversações durante a visita do Rei Eduardo ao Imperador Allemão. Augmento do orçamento Inglez. Suggestão Inglesa para troca de informações navaes.	
III.—A TRIPLICE "ENTENTE" E A "BRILHANTE ARMADURA"	11
IV.—PROPOSTAS ALLEMÃS CONTRA A TRIPLICE ENTENTE: 1909	12
Suggestão de Hert von Bethmann-Hollweg para um accordo politico geral. O accordo Inglez existente anti aggressivo. Offerta naval Allemã de "retardação temporaria" em troca de compromisso inglez de neutralidade. Recusa Britannica. Continuação de attitude amigavel Britannica.	
V.—NEGOCIAÇÕES ANGLO-GERMANICAS INTERROMPIDAS PELO INCIDENTE DE AGADIR: 1910-1911	15
Augmento do orçamento naval Inglez (1910). Recabertura de negociações (1) Offerta Allema de "retardação temporaria" retirada (1911). (2) Proposta Britannica de "não mais augmento" rejeitada pelo Imperador de Allemanha; negociações para troca de informações navaes. (3) Negociações para um accordo politico interrompidas pelo envio de um navio de guerra Allemão a Agadir.	
VI.—NEGOCIAÇÕES POLITICAS; PROPOSTAS BRITANNICAS E ALLEMÃS: 1911-12	18
Liquidação Franco-Allemã do incidente de Marrocos (1911). Missão de Lord Haldane a Berlim (1912). Augmento de armamentos Allemães. Renovação da proposta de "retardação temporaria" condicional sobre base de accordo politico. Formula anti-aggressiva de Sir E. Grey. Insistencia Allemã pela neutralidade Britannica. Fracasso das negociações.	

	PAGINA
VII.—PROPOSTA DE “FERIADO NAVAL”: COOPERAÇÃO POLITICA COM A ALLEMANHA: 1912-13	21
“Feriado naval” offerecido por Mr. Churchill (1912, 1913). Cooperação Britannica com a Allemanha durante a crise dos Balkans. Apreciação amistosa do Secretario de Estado da Allemanha.	
VIII.—COOPERAÇÃO PARA A PAZ TERMINADA PELO “PUNHO “ ARMADO”: 1914	22
Manifestação da politica da “armadura brilhante” no Livro branco Allemão. De como o “punho armado” interrompeu as negociações Russo-Austriacas. Des- pacho de Sir M. de Bunsen.	
CONCLUSÃO: OS DOIS CAMINHOS	24

PREFACIO.

Em um pamphleto recentemente publicado, expliquei por forma precisa e facil de comprehender (pelo menos assim o espero), “Porque é que a grã Bretanha se acha em guerra.” As asserções que nelle se contem foram em todos os casos baseadas em documentos officiaes, sendo portanto irrefutaveis. Este summario mostrava, entre outras coisas, com referencia ás causas immediatas da guerra, que a Inglaterra se tinha esforçado até a ultima hora em manter a paz da Europa e que os esforços que com este objectivo por ella e outras potencias haviam sido feitos, foram frustrados pela Allemanha. Mostrava alem disso que os factores que haviam compellido a Inglaterra a tomar parte na guerra, eram em quanto á França, um appello á honra e interesse proprio e em relação á Belgica, o mesmo duplo appello combinado com obrigações directas e positivas.

No presente pamphleto lanço um olhar retrospectivo e mostro pela referencia ás diseussões politicas de muitos annos “os esforços empregados por Inglaterra em pró da paz.” Meu summario baseia-se tambem (e na maior parte), em documentos officiaes ou discursos ministeriaes e o resto em informações, que tenho sobejos motivos para acreditar serem incoutestaveis. A historia das negociações Anglo-Germanicas sobre o limite dos armamentos e materias eognatas, ver-se ha estarem conformes de uma maneira realmente curiosa e instructiva com as conclusões a que deve chegar todo o espirito sincero depois de estudadas as negociações que immediatamente precederam a guerra. Ver-se-ha, em primeiro lugar, que a Inglaterra esforçou-se tenazmente em diminuir a pressão dos armamentos e que cada tentativa foi sempre esbarrar com a recusa da Allemanha. Ver-se-ha alem disso, que as unicas condições em que a Allemanha se aelhava preparada para entrar em accordo com a Inglaterra, eram de facto, as mesmas das ora historicas e “infames” propostas de 29 de Julho de 1914, a saber: que a Inglaterra deitasse á margem a sua amizade com a França e a Russia e concordasse em considerar as snas obrigações do tratado para com a Belgica como um simples “pedaço de papel.”

E. T. C.

A INGLATERRA E OS SEUS ESFORÇOS PELA MANUTENÇÃO DA PAZ.

SUMMARIO DAS NEGOCIAÇÕES ANGLO-GERMANICAS, 1898-1914.

Na guerra em que se acha empenhada com a Allemanha, a Grã-Bretanha está combatendo pelo cumprimento de suas obrigações, em defeza da sua honra e segurança e a despeito de tenazes esforços durante as negociações que precederam immediatamente esta erupção, para preservar a paz da Europa. Nas paginas que seguem se apresenta um summario das previas negociações Anglo-Germanicas. O curso das negociações mostra mais uma vez quem era que procurava a paz e de que modo foram frustrados os esforços para um accordo bom e permanente. A historia começa pela proposta do Imperador da Russia em 1898 para uma conferencia internacional com o fim de se cogitar da redução dos armamentos e termina pela declaração de guerra do Imperador Allemão contra a Russia em 1914. Ha porem dois pontos preliminares que demandam de breve attenção:

A ALLEMANHA E O "SEU LOGAR AO SOL."

Dizem ás vezes os adversarios da politica Ingleza, que a Inglaterra movida de ciúme da Allemanha via com reluctancia que esta occupasse um "logar ao sol" e como que em reforço de tal asserção perguntam tambem ás vezes, porque é que quando se fez um accordo Anglo-Francez e um outro Anglo-Russo, se não fez um correspondente accordo Anglo-Allemão? A resposta a esta pergunta, que só poderá embarçar os dotados de fracas memorias, dispõe inteiramente da suggestão que a Inglaterra tenha sido intratável e hostil nas suas negociações com a Allemanha. Uma das razões pelas quaes se não fez nenhum accordo Anglo-Allemão nos primeiros annos do seculo vinte, foi por já se terem feito muitos delles nos ultimos annos do seculo dezenove. Não se fez accordo algum Anglo-Allemão em 1904, por occasião do Anglo-Francez, porque não

havia diferenças tangíveis e concretas que demandassem de ajustamento entre a Inglaterra e Allemanha, como as que se harmonizaram nesse anno entre a Inglaterra e a França. As diferenças comparaveis entre a Inglaterra e Allemanha haviam ja sido liquidadas por Lord Salisbury enjas “graciosas concessões” á Allemanha incluíam a cessão de Heligoland, a cuja ilha o Imperador Allemão chegou de Osborne em 1890 para assumir a soberania e a qual ao presente, convertida em uma grande fortaleza, serve de protecção á armada Alleinã. Quando mais tarde surgiram diferenças concretas e definidas, a Inglaterra mostrou-se prompta a conciliar-se eom a Allemanha, assim como se havia conciliado em outros pontos do seu accordo com a França e a Russia. Em referencia ao caminho de ferro de Bagdad, por exemplo, no começo de verão de 1914 aceitou condições que mostravam que ella não adoptára a attitude do “cão de hortelão” para com a expansão da influencia Alleinã.

O DESAFIO NAVAL.

O aspecto da politica moderna Alleinã que causou apprehensão politica nos espiritos dos estadistas Ingleses não haira sido o desenvolvimento do commercio Alleinão ou o seu desejo de “um lugar ao sol,” mas sim o continuo desenvolvimento da sua armada. Pensando um poueco, ver-se-ha que esta apprehensão era muito razoavel. Haveria lugar para ella em qualquer hypothese, mas mais ainda pelas circumstancias que acompanharam o nascimento da nova politica naval de Allemanha. As declarações do imperador Alleinão, de que estava decidido a “empunhar o tridente” e que “o futuro da Allemanha estava nos mares” teria, por motivos que adiante explicaremos, causado em qualquer occasião, suspeitas neste imperio maritimo, mas a epoca especial em que estas deelaraciones começaram a tomar forma revestiu as de maior significancia. O primeiro augmento consideravel da armada Alleinã foi feito por lei de 1900, o anno seguinte ao do inicio da guerra da Africa do Sul. Dizia-se na Allemanha, como as cousas teriam tomado outro feição nessa guerra se a Allemanha tivesse sido senhora de uma armada mais poderosa! Quando portanto, se apresentou a lei da armada Alleinã no incio de guerra de Africa do Sul, levantou-se a questão e até mesmo no proprio Reichstag se perguntou—contra quem se poderia usar a nova armada senão contra a Inglaterra? A Allemanha (foi explicado oficialmente), precisa ser tão forte no mar que até mesmo “a maior potencia naval” a não possa desafiar, com impunidade. A Grã Bretanha, como se verá nas paginas seguintes, não tinha desejo algum de provocar a Allemanha mas pela propria indole da questão e aparte as circumstancias especiaes que acima se mencionam, os grandes e continuos augmentos da armada Alleinã constituíam, no opinião dos nossos estadistas e do publico do paiz, uma pro-

vocação á Grã Bretanha. As fronteiras da Allemanha compoem-se na maior parte de fronteiras terrestres. As da Inglaterra são marítimas. O imperio Britannico é na phrase de Sir John Seeley "Uma Veneza universal tendo o mar por ruas." Pelo que toca a alimentos a Allemanha pode em grande medida viver dos seus proprios recursos ou alimentar-se por terra. A Grã Bretanha se perdesse o imperio dos mares facilmente poderia ficar privada de alimento. Não ha portanto comparação, como disse Sir Edward Grey em Parlamento (29 de Março de 1909) "entre a importancia da armada Allemã para a Allemanha e a "importancia da nossa armada para nós." A nossa armada está para nós como o seu exercito está para ella. O possuir uma forte armada augmentar lhe-hia o prestigio, a influencia diplomatica, e a capacidade para proteger o seu commercio, mas não é para ella uma questão de vida ou morte, como o é para nós. A Allemanha já era incontestavelmente a mais forte potencia militar do mundo. Para se apreciar a justificada apprehensão que as snas ambições navaes causavam neste paiz, basta que invertamos os factores e perguntemos o que se diria e sentiria na Europa se a Grã Bretanha, já a primeira potencia naval, se preparasse para pôr em armas um exercito permanente comparavel pelo numero, ao da propria Allemanha?

Tornava-se pois evidente, que a rivalidade naval da indole da que Allemanha tinha posto em acção deveria criar azedumes nas relações dos dois paizes e com o tempo poderia a levar a situações perigosas. Tendo explicado este ponto e chamado a attenção para os tratos amigaveis da Inglaterra nos primeiros annos, passarei agora a detalhar as negociações mediante as quaes a Inglaterra procurou evitar esses perigos e assegurar a paz.

I.—TENTATIVAS DE ACCORDO INTERNACIONAL, 1899, 1907.

Em 1898 o imperador da Russia propoz uma conferencia internacional com o objecto de se descobrirem meios de reduzir as despezas com armamentos navaes o militares. A proposta foi recebida com grande sympathia popular neste paiz e o parecer do Governo foi definido no parlamento pelo Ministro da Marinha (Mr. Goschen) que declarou qu comquanto não fosse possivel alterar a posição *relativa* da Grã Bretanha, se "as outras grandes potencias navaes se mostrassem preparadas "a diminuir o seu programma de construeção uaval, pela nossa "parte nos promptificaríamos a modificar o nosso para attender "a esta norma de acção" (Março 9 de 1899). A conferencia que teve logar na Haya poucos mezes depois, não conseguiu encontrar uma formula accetavel ás outras potencias isenta de ambiguidade, equitativa para todos e que se podesse levar a

efeito por meio de qualquer de sanção practica. A resolução adoptada recommendava a proposta á consideração de varios governos como sendo de grande importancia para o bem estar moral e material da humanidade.

Em 1900, anno posterior á conferencia, o governo Allemão, passou (como já dissemos) uma nova lei naval, rectificando a de 1898 e abrangendo um programma que quasi duplicaria a armada allemã. Pode isto considerar se como a resposta da Allemanha pela parte naval, á alvitrada redução de armamentos por accordo internacional.

A questão da restricção de armamentos continuou contudo, a occupar a séria attenção do nosso paiz e quando a convite do Czar se aprazou una segunda conferencia da paz para 1907, as primeiras potencias navaes foram informadas do sincero desejo do governo Britannico de que este problema novamente fosse tomado em consideração. Como evidencia da nossa boa fé e como "deixa" que se esperava que outros podessem seguir, annunciou-se em Julho de 1906 que o programma de construcção naval Inglesa apresentado em parlamento em Março desse anno soffreria a redução de 25 por cento em navios de combate, 60 por cento em caça-torpedeiros de alto-mar e 33 por cento subuarnios. Esta redução foi proposta apesar do facto de que em Março de 1906 a lei naval Allemã de 1900, havia sido modificada pela addição de seis grandes cruzadores, ao programma existente.

A attitude da Allemanha para com esta proposta tornou se logo bem patente. O imperador Allemão disse ao embaixador Britannico (Sir F. Lascelles) que se a questão de desarmamento tivesse de ser novamente apresentada á conferencia elle declinaria ser nella representado. Todo o estado deve decidir por si qual a somma de força militar necessaria para a protecção dos seus proprios interesses e manutenção de sua posição e estado algum consentiria na intervenção de outro em semelhaute assumpto. Em Agosto de 1906, o rei Eduardo acompanhado de Sir Charles Hardinge visitou Crouberg e a opinião exprimida pelo imperador de Allemanha ao mesmo, foi de que proxima conferencia de Haya era um "disparate." Os Allemães sorriam-se quando se fallava em redução de forças militares. No mez seguinte Mr. Haldaue, então ministro da guerra, foi convidado a visitar o imperador em Berlin e assim como aos demais, foi-lhe dito que se na conferencia propuzessem o desarmamento, a Allemanha não podia consentir em que seu embaixador concordasse em semelhaute coisa.

O governo Britannico contudo persistiu. Em 2 de Março de 1907 um artigo assignado pelo presidente de conselho (Sir H. Campbell Bauneruan) foi publicado no "The Nation." Fazia-se ver pelo mesmo que o poderio naval Britannico embora necessariamente devesse conservar-se predominante, era reconhecido por todo o mundo como não aggressivo. Annunciava-se que o governo Britannico tendo já dado provas de sua boa fé reduzindo

o orçamento de 1906, se achava disposto a ir mais longe ainda, se encontrasse semelhante disposição das outras partes. Todo o artigo era um argumento em favor da questão de encargos reduzidos com os armamentos não ser excluída da discussão na Conferencia. No mesmo mez, o desejo do governo Inglez neste sentido foi communicado officialmente ás sete principaes potencias navaes. O juriscousulto Russo, professor Maartens, que fôra mandado ás diversas capitaes Europeas para discutir o programma da conferencia, encontrou fortes objecções em Berlim e Vienna contra a inclusão do limite de armamentos e em Abril de 1907 o chanceller (principe Bülów) declarou no Reichstag que "O governo Allemão não podia tomar parte em "uma discussão, a qual segundo sua convieção, era impraetivel ainda mesmo que não envolvesse riscos." Em resultado da attitude assumida pela Allemanha, a conferencia de 1907 nada mais poude fazer do que confirmar a resolução de 1899, sendo esta proposta pelo plenipotenciario Inglez, Sir Edward Fry.

Ter-se-hia portanto visto pela precedente narrativa dos factos, que a Inglaterra fez sinceras tentativas para conseguir alguma restricção de armamentos por accordo internacional geral por intermedio da conferencia de Haya e que essas tentativas foram frustradas pela attitude hostil da Allemanha.

II.—TENTATIVAS DE NEGOCIAÇÕES NAVAES COM A ALLEMANHA, 1907, 1908.

Ficava ainda de pé a possibilidade do limite por meio de accordo privado e para esta possibilidade se viraram as atenções do governo Inglez. Havia este mostrado o seu desejo em uma declaração que Sir E. Fry recebera instrucções para fazer na conferencia de 1907, de que o governo Inglez estava prompto a permutar os orçamentos navaes anticipadamente, com qualquer outra potencia, esperançado que talvez esta permuta podesse dar com o tempo logar a uma redução de encargos.

No outomno de 1907 o imperador Allemão fez uma visita a Inglaterra e em um discurso no Guildhall manifestou emphaticamente achar se possuido de sentimentos amistosos para com este paiz. No entanto, em Março do seguinte anno, foi proposta uma acceleração do programma naval Allemão montando de facto a uma addição de quatro importantes vazos que depois foi levada a effeito.

A situação creada desta forma era tal que não podia deixar de causar apprehensões no paiz. O imperador Allemão, em publico apparentava sentimentos amistosos, os quaes porem difficilmente se reconciliavam com os constantes augmentos da marinha Allemã. Não havia divergencias de pé entra os dois

paizes, as relações diplomaticas eram perfeitamente amigaveis e normaes. A superioridade naval deste paiz era e (como já se explicou) tem que ser um principio cardinal da politica Ingleza. A rivalidade naval creada pela Allemanha estava destinada a certamente provocar suspeiças sobre as suas ultiores resoluções e desta forma aggravar as relações entre os dois paizes.

O governo Inglez presentindo este perigo e ancioso por eliminá-lo a tempo, aproveitou o ensejo da visita do rei Eduardo ao imperador Allemão em 1908, para encetar negociações. O rei fôra novamente acompanhado por Sir C. Hardinge, que agindo sob instruções do secretario do estado, expuzera claramente ao imperador e ao governo Allemão as vistas do governo Inglez. Elaborou o aspecto da situação como acima se explica e recebeu instruções para instar para se a chegasse a qualquer especie de discussão amigavel sobre o assumpto entre os dois governos. Estas suggestões não foram acccites. O imperador Allemão novamente confirmou as suas amistosias manifestações, mas disse positivamente não poder tolerar discussão alguma com um governo estrangeiro sobre armamentos navaes. Consta mesmo que Sua Majestade se manifestára disposto a lançar mão das armas, de preferencia a submeter-se a isso. Herr von Jenisch, que representava o ministerio dos negocios estrangeiros foi egualmente emphatico em declinar as suggestões Inglezas. Deve este facto ser tomado em consideração ao ler-se o discurso feito no Reichstag em Dezembro de 1908, no qual o principe Bülow negou que jamais se tivessem feito propostas definitivas ao governo Allemão para a limitação de armamentos. A asserção era verdadeira, mas não representava a verdade toda e o governo Inglez aproveitou a occasião para fazer outro esforço no sentido de um accordo amigavel. Apontou-se que o motivo porque se não haviam feito propostas definidas na Haya, em 1907, foi por ter a Allemanha em previa occasião, dado a entender que recusaria tomar parte em qualquer dessas discussões e ter sido repellida uma subsequente tentativa para entabular negociações. Em vista desta attitude do governo Allemão, a Grã Bretanha via-se materialmente forçada a augmentar o seu orçamento naval para 1909-10, mas o governo Britannico estava muito ancioso por chegar a um arranjo amigavel com a Allemanha sobre o assumpto.

Sir Edward Grey nesta occasião fez ver que com o fim de evitar mal entendidos e affastar suspeiças entre os dois paizes, os addidos navaes em Berlim e Londres teriam permissão para de vez em quando poderem observar o andamento da construcção dos primeiras unidades de combate. Esta proposta foi recusada pelo governo Allemão.

O summario dos acontecimentos expostos na secção precedente mostram que o governo Inglez, impedido de procurar um arranjo por meio de accordo geral internacional, tentou iniciar negociações privadas com a Allemanha e que esta tentativa foi frustrada pelo Imperador e governo Allemão.

III.—A TRIPLICE “ENTENTE” E A “BRILHANTE ARMADURA.”

O capitulo seguinte das negociações Anglo-Germanicas introduz uma nova phase que só pode ser bem comprehendida mediante referencia a acontecimentos mais anteriores affectando as relações da Grã-Bretanha com outros potencias. Ver-se-ha nesta nova phase, que comquanto certas propostas indefinidas tivessem emanado da Allemanha com referencia a armamentos navaes, o preço substancial por ellas exigido representava o abandono pela parte da Grã Bretanha das suas amizades politicas e fé dos tratados.

Em Abril de 1904 a Grã Bretanha (que como já dissemos de principio, havia de ha muito ajustado as suas differenças Africanas com a Allemanha) ajustou as suas differenças Africanas com a França, dando a França carta branca á Inglaterra no Egypto e a Inglaterra carta branca á França em Marrocos. Nessa occasião o principe Bülow declarou que Allemanha se desinteressava do ajustamento, que mesmo chegou a approvar. A questão de Marrocos era indifferente, disse ella, á Allemanha o que sob o ponto de vista commercial era um facto, porque nessa epoca a exportação de Allemanha para Marrocos montava apenas a umas 90,000*l.* por anno. Dali a pouco porem mudou de attitude. Poucas semanas depois da conclusão do accordo Anglo-Francez, o imperador Allemão teve oportunidade de fazer discursos que com razão não deixaram de causar apprehensões na França e despertaram attenção em outros pontos. Em Karlsruhe o imperador recommendou aos seus subditos “lembrarem se das batalhas de Wörth, de Weissenburg e de Sedan. Espero que não haverá alteração de paz e que os acontecimentos que se estão desenrolando em torno de nós, nos abrirão bem os olhos para vermos claramente e armarão a nossa coragem para que nos achemos unidos, se se tornar necessario intervir na politica mundial.” Tendo ido a Mayença para inaugurar uma nova ponte, o imperador manifestou-se convicto de que “se tivesse de vir a ser utilizada para transporte de natureza bellica, se havia de prestar bem para esse serviço.” Estes discursos foram lembrados quando em Março de 1905 o imperador Allemão foi a Tanger e o governo Allemão principiou a interessar-se diplomaticamente com ardor na questão de Marrocos. Por esse occasião teve lugar, como se deve estar lembrado, batalha de Mukden e a Russia parecia achar-se impotente para auxiliar a França. M. Deleassé, o ministro Francez que tinha negociado o accordo Anglo-Francez retirou-se do poder e a França aceitou a proposta Allemã para uma conferencia Marroquina. A diplomacia tinha mareado tentos “porque” disse a Kreuz Zeitung “a *ultima ratio* achava-se visivel em ultimo plano.” Em 1907 a Grã-Bretanha concluiu um accordo com a Russia liquidando differenças que havia pendentas com referencia á Persia,

Afghanistan e Tibet. Em 1908 a Austria-Hungria, violando o tratado de Berlim annexou a Bosnia e Herzegovina. O imperador Allemão conservou-se, como elle disse, de "brilhante armadura"* ao lado do seu alliado para supportar esta infracção do direito publico da Europa. Deu-se a entender á Russia que qualquer opposição da sua parte teria que se haver com a força armada e a annexação foi levada a effeito sem mais contenção.

Estes são em resumo, os factos antecedentes que cumpre ter presente para se seguir a subsequente phase des negociações Anglo Allemãs. A Allemanha "arrastara a espada" contra a França por causa de Marrocos e contra a Russia por causa da Bosnia. Parecia ser a sua politica desafiar a efficiencia e talvez evitar a solidariedade de uma "entente" Anglo-Franco-Russa. Esta feição de sua politica tornou-se evidente tanto no decurso da negociações com a Inglaterra, como na acção da Allemanha para com a França.

IV.—PROPOSTAS ALLEMÃS CONTRA A TRIPLICE "ENTENTE," 1909.

Em Julho de 1909 o principe Bülow pediu sua demissão succedendo-lhe Herr von Bethmann-Hollweg, que pouco depois de tomar posse começou a occupar-se das relações entre a Grã-Bretanha e a Allemanha. Mandando chamar o embaixador Inglez disse lhe que comprehendia que a questão naval fosse considerada por Inglaterra como o principal obstaeulo para as relações perfeitamente cordiaes entre os dois paizes; que o governo Allemão se achava agora prompto a fazer propostas para um accordo naval, mas que a discussão sobre tal assumpto só podia ser emprehendida com proveito, apenas como parte de um entendimento geral baseado sobre a convicção de que nenhum dos paizes nutria designios hostis ou aggressivos contra o outro. O governo Britannico ficou é claro, muito satisfeito com as mensagens do Chancellor e correspondeu ás suas propostas com cordialidade. A questão naval era a dominante para elle, mas estava prompto a tomar em consideração, com a mais viva sympathia, quaesquer propostas para um entendimento

* Vale bem a pena recordar as occasiões em que o imperador fez uso de phrases que agora se tornaram classicas na historia das armas e diplomacia. Dirigindo-se ao principe Henrique em Kiel por occasião da sua partida para o Extremo Oriente (1 de Dezembro de 1897) disse o Imperador. "Se "alguem jamais tentar affrontar-nos ou prejudicar-nos nos nossos justos "direitos, feri com o 'punho armado' e com o favor de Deus cingi em "torno de vossa joven frente da coroa de louro que ninguém no Imperio "Allemão vos regateará." Em Vienna, em 1910 (Setembro 21) o imperador da Allemanha recebeu uma mensagem de boas vindas do Burgomestre. No decurso de sua resposta, disse o imperador: "Parece me estar lendo na "vossa resolução o accordo da Cidade de Vienna com o acto de um alliado "tomando o seu lugar, de 'brilhante armadura' em grave momento am lado de vosso Graciosissimo Soberano."

geral com tanto que ellas não fossem inconsistentes com as obrigações existentes da Inglaterra para com as outras potencias. Era esta uma resalva evidentemente exigida pela lealdade dos tratos e Sir Edward Grey muitas vezes a explicou em parlamento, como por exemplo, nestas palavras (27 de Novembro de 1911) "Não é abandonando as antigas que se criam novas amizades que valham a pena. Criemos sem duvida novas amizades mas não á custa das que temos." Não havia o menor proposito aggressivo nas boas relações da Inglaterra quer com a França quer com a Russia. Isto fóra elaramente exposto por Sir Henry Campbell-Bannerman em 1905 quando elle se referiu (16 de Novembro) ao accordo com a França e previu outro similhante com a Russia "Lord Lansdowne fez bem em protestar eoutra a idéa de que o accordo entre nós implica sentimento hostile ou intenção contra qualquer outra potencia. A nossa provisão de bons sentimentos e amizade internacional não ficou exausta pela França. Façamos votos para que esta acertada politica possa ir mais longe. Temos o grande imperio da Russia e depois 'ha ainda a Allemanha.'" De igual fórma em 1909, Sir E. Grey explicou que não havia motivo da parte de Inglaterra para que os seus bons entendimentos com a França e Russia estorvassem um entendimento semelhaute com a Allemanha. A Inglaterra desejava viver em boas relações de amizade com a Allemanha, salvo se isto implicasse ter de quebrar as relações de amizade com outros. Como adiante se verá, era precisamente esta ruptura de amizade, o que se continha nas propostas Allemãs.

As propostas navaes feitas por Herr von Bethmann-Hollweg, eram um tanto vagas. Era fóra da questão qualquer renuncia da lei naval Allemã no seu todo, pois que isso soffreria opposição insuperavel no Reichstag, mas o governo Allemão estava disposto a discutir a questão do "retardamento da proporção" da construeção de novos navios. Não se apresentou porem explicação precisa desta formula. O que se comprehendeu que se queria dizer foi, que o numero total de navios a completar até 1908 não seria reduzido mas que o numero das primeiras unidades o seria nos primeiros annos e equivalentemente augmentado nos finaes. Como se vê, não haveria redução final de encargos e nenhuma redução desviada do programma Allemão total.

A base de negociação naval alvitrada pelo chanceller era portanto indefinida, fragil e nebulosa. O *quid pro quo* que por ella elle exigia era positivo e substancial. A Grã Bretanha teria de ser uma das partes em um accordo declarando que (1) nem um nem outro paiz nutria qualquer idea de aggressão contra o outro; e (2) que na hypothese de um ataque contra uma ou outra das potencias, da parte de uma terceira potencia ou grupo de potencias, a potencia não atacada permaneceria de fóra.

Contra a primeira condição não havia, nem podia haver objecção; contra a segunda, sob o ponto de vista Britannico, a objecção era seria. O que é que ella involvia? Em primeiro logar, um grave risco. Se a Grã Bretanha aceitasse a condição Allemã, tornava-se por assim dizer certo, devido á posição geral das potencias Europeas, que ella seria obrigada a ficar de fóra de qualquer contenda continental. Em qualquer destas luctas, a Allemanha sem difficuldade poderia arranjar com que o inicio formal das hostilidades coubesse á Austria. Se a Austria e a Russia se achassem em guerra, a Allemanha se achava compromettida auxiliar a Austria; enquanto que logo que a Russia fosse atacada por duas poteneias, a França era obrigada a vir em seu auxilio. O compromisso suggerido pelo governo Allemão, evitaria desta forma que a Grã Bretanha pudesse auxiliar a França, fossem quaes fossem as razões de conflicto ou os seus resultados. Desta forma perder-se-hia a confiança e benevolencia de França uma vez que a Grã Bretanha não podia auxiliar esta no caso da Allemanha querer levar á ponta da espada a liquidação de quaesquer exigencias que se lembrasse de fazer. Ministros como depositarios do futuro de sua patria não podiam perder de vista o facto que o periodo de neutralidade forçada Britannica que se continha nas propostas do chanceller, podia ser vigorosamente aproveitado pela Allemanha para consolidar a sua supremacia na Europa continental e a Grã-Bretanha permaneceria expectador a paralyzada, até que a Allemanha se achasse livre para com toda a sua força unida reduzir-a como unico factor independente na Europa. Mais anda, a proposta Allemã envolvia, em segundo logar, o repudio em certos casos, das obrigações por tratado, da Inglaterra para com a Belgica. Supponhamos que a Allemanha se achava em guerra com a França e invadia a Belgica, a Inglaterra em virtude deste accordo com a Allemanha, não poderia vindicar a neutralidade de Belgica. Acontecimentos subsequentes tem demonstrado como teria sido deshonrosa a aceitação por parte da Inglaterra de semelhante proposta. Alem disso tal acquiescencia daria logar ao immediato isolamento de Inglaterra e para o futuro a bem merecida e total perda de confiança na lealdade e amizade Britannica.

Não é portanto de surprehender que no outomno de 1909 o governo Britannico tivesse declinado a proposta do chanceller Allemão. Politicamente era susceptivel das mais graves objecções e pelo lado naval não offerecia nenhuma redução substancial dos encargos.

Olhando para esta phase geral das negociações, devemos concluir que em retorno por uma offerta muito vaga, pelo lado naval da questão, a Grã Bretanha era convidada a ser falsa ás suas amizades e obrigações existentes. Isto, o governo Britannico recusou-se a fazer. Ao mesmo tempo manifestou se desejoso, dentro dos limites das obrigações dos tratados e

amizades existentes, por cultivar as mais amistosas relações com a Allemanha. Tinha intervido com ardor entre a Russia e a Austria na crise Austro-Serbia de Março de 1909. Assegurou a Herr von Bethmann-Hollweg sua cordial boa vontade em negociar um arranjo para as questões específicas de interesse reciproco, taes como o caminho de ferro de Bagdad, adoptando-se este recurso com resultados que anteriormente ao rebentar da presente guerra, se afiguravam como de provavel e reciproca vantagem. Alem disso, o governo Britannico declarou e pela sua acção provou a sinceridade de sua declaração; de que a qualquer tempo se achava prompto a cooperar com a Allemanha nos interesses da paz geral. A triplice "entente" nada continha de offensivo em si; não havia razão na sua indole para que em questões de interesse geral, a Europa fosse dividida diplomaticamente em grupos hostis e na crise dos Balkans de 1912-3 politica de Sir E. Grey salientou bem este ponto (veja-se mais adiante pagina 21).

As boas esperanças que se poderiam ter concebido sobre o estado de cousas foram bruscanente destruidas, como todo o mundo sabe, pela substituição pela Allemanha e Austria da diplomacia pelas armas, em Julho de 1914. Ver-se-ha que qualquer cousa do mesmo genero se deu para fazer periclitar o curso das negociações Anglo-Germanicas de 1910-11.

V.—NEGOCIAÇÕES ANGLO-GERMANICAS INTERROMPIDAS PELO INCIDENTE DE AGADIR.

Devido á attitude Allemã, tornou-se necessario augmentar o orçamento naval Inglez apresentado em 1910. Fallando no parlamento em Julho de 1910, Mr. Asquith disse "Estivemos" em contacto com o governo Allemão e este nada pôde fazer. "Sem uma lei parlamentar não pode repellir a sua lei naval. "Diz-nos e sem duvida com grande verdade, que a modificação do programma não teria o apoio da opinião publica Allemã." O chanceller Allemão respondeu a este discurso dizendo que o governo Allemão não tinha recebido com um *non possumus* as propostas Britannicas; não podia assentir na redução da construcção naval, mas estava prompto a dissentir o retardamento temporario. A significação precisa desta proposta novamente ficou sem ser definida; mas o governo Britannico immediatamente respondeu ás propostas do Chanceller em Agosto de 1910 abandonando a sua previa contestação de que qualquer accordo naval devesse ser baseado sobre uma redução do programma naval Allemão existente, manifestando achar se prompto (1) a discutir a suggestão de "retardação temporaria"; (2) a negociar um accordo naval sobre a base de que o actual programma existente não scria augmentado e que haveria permutação de informações sobre o progresso real da construcção naval em cada um dos paizes; (3) com respeito a entendimento politico

a assegurar que em qualquer accordo entre elle e qualquer outra potencia, nada havia visado a Allemanha e que elle proprio nenhum intento hostil tinha a seu respeito.

A resposta do Governo Allemão foi recebida em Outubro de 1910 e as negociações continuaram até a primavera de 1911. O curso dellas pode ser resumido convenientemente sob os trez paragraphos que acabamos de citar :—

(1) Com referencia ao “ retardamento temporario,” esta proposta sobre a qual o chanceller Allemão havia contado para justificar a sua negativa de attitude *non possumus* fôra retirada em Maio de 1911—singular retirada esta, visto que a razão dada (a saber a importancia de alimentar a industria da construcção naval com uma definida quantidade de encomendas do governo) teria tido a mesma força contra a offerta quando feita a primeira vez.

(2) Com referencia á negociação de um accordo naval sobre a base de não haver augmento no programma Allemão e de permutação de informações o governo Allemão assentiu em discutir este ponto; as negociações continuaram durante muito vezes; a nota final Britannica accetando as condições Allemãs em todos os pontos essenciaes, foi communicada em fins de Janeiro de 1912 e ficou sem resposta. Em quanto á base de não augmento do programma Allemão, o governo Allemão havia perguntado em Outubro de 1910 qual era o compromisso equivalente que a Grã Bretanha tomava. O governo Britannico achava-se estudando a sua resposta, quando o imperador Allemão informou o embaixador Britannico que por forma alguma consentiria em qualquer accordo que obrigasse a Allemanha a deixar de augmentar o seu programma naval. A evidente discordancia deste modo, entre a attitude do imperador e a do chanceller respectivamente não ficou resolvida, mas em Maio de 1911 o governo Allemão manifestou achar-se disposto a examinar propostas para uma redução reciproca de despesas em armamentos que não implicasse uma alteração das necessidades da lei naval. A retirada ao mesmo tempo da offerta de retardação temporaria (veja-se (1) supra) não inspirava confiança e a supposta promptidão do governo Allemão em negociar um accordo naval sobre uma nova base, havia sido precedida no Reichstag por uma declaração official mui irreconciliavel.

Em 13 de Março de 1913, Sir Edward Grey fez um discurso no Parlamento indicando “entre linhas” o curso das negociações com a Allemanha, definindo os limites só dentro dos quaes era licito esperar poder-se continuar com taes negociações e declarando ser um paradoxo o augmento dos armamentos, ao mesmo tempo que os sentimentos de amizade eram sinceros. Este discurso teve uma recepção

favoravel na imprensa Allemã; mas ao discutir-se o assumpto no Reichstag, aproveitou o chanceller occasião de deitar agua na fervura (30 de Março) "Considero," disse elle, "como absolutamente impracticavel qualquer fórma " de fiscalização e todas as tentativas neste sentido só " dariam em resultado um estado continuo de desconfiança " mutua e fricção perpetua. Quem é que se prestaria de " boa mente a enfraquecer os seus meios de defeza sem " ter a absoluta certeza que o seu vizinho não estava " secretamente excedendo a proporção que lhe havia sido " concedida no accordo do desarmamento? Não, meus " Senhores, todo aquelle que pensar a serio na questão do " desarmamento universal tem que inevitavelmente de " chegar á conclusão de que é ella insolúvel enquanto os " homens forem homens e os estados forem estados."

(3) Enquanto que desta forma a Allemanha andava alternadamente tergiversando com as negociações navaes com a Inglaterra, o governo Allemão continnava a ligar grande importancia a um entendimento politico. Na sua resposta de Outubro de 1910, frisou bem este ponto e quando se renovaram as negociações depois das eleições geraes neste paiz, o governo Inglez accitou o modo de ver Allemão, de que, precedendo um arranjo naval, impunha-se como condição, um accordo mais amplo de natureza politica e alvitrou varias suggestões como base para este accordo politico. O discurso de Sir E. Grey de 13 de Março de 1911 indica a indole destas suggestões. Um arranjo tal como o delineara o chanceller imperial (paginas 13, 15) incorporando uma formula politica geral, poderia ser considerado como mais comprehensivo, de maior alcance e mais intimo do que qualquer outro arranjo que não chegasse a ser uma alliança de facto que a Inglaterra tivesse com qualquer outra potencia; e tal arranjo portanto poderia dar logar a apprehensões na França e Russia. Os accordos Inglezes com a França e com a Russia não estavam baseados em formula politica geral; eram liquidações de questões especificas e estes accordos tinham transformado relações de fricção e "ferroadas" em amizade. Nada havia de exclusivo nestas amizades e o governo Britannico vira com satisfação a liquidação de algumas questões entre a França e Allemanha e entre a Russia e Allemanha. Porque não se tentaria identica cousa entre a Inglaterra e a Allemanha?

A resposta do governo Allemão (Maio de 1911) a estes alvitres pareceu não ser desfavoravel, se bem que a retirada da previa offerta naval (veja-se (1) acima) era desanimadora. O governo Allemão declarou que as suggestões Britannicas poderiam servir de base conveniente para um accordo, se bem que repetisse a sua preferencia, por uma formula politica geral.

A situação respeitante ás relações Anglo-Germanicas parecia promettedora. O imperador Allemão veio a Londres assistir á inauguração do monumento da rainha Victoria e foi recebido enthusiasmicamente pelo povo. Pouco depois o principe herdeiro da coroa assistiu á coroação do rei Jorge e foi recebido de igual maneira. O sentimento Britannico, constava em Berlin, era francamente amigavel para com a Allemanha. De repente deu-se qualquer cousa que mudou toda a situação internaciona. O governo Allemão abandonou o methodo diplomatico trocando-o pelo do "punho armado" Enquanto se renovavam as conversações com França sobre o assumpto de Marrocos foi mandado um navio de guerra Allemão a Agadir.

VI.—NEGOCIAÇÕES POLITICAS, 1911-12.

Sobrevinda a crise de Marrocos ficaram necessariamente interrompidas as negociações Anglo - Germanicas. A Grã Bretanha tinha demonstrado claramente pelo discurso de Mr. Lloyd George na Mansion House (21 de Julho de 1911) e por outros meios, que não poderia permanecer indifferente expectadora em uma contenda envolvendo a França, como consequencia do accordo Anglo-Francez. A crise passou, mas esta demonstração serve de indicio para a phase em que em seguida entraram as negociações Angla-Germanicas. Era o alvo da diplomacia Allemã, como se manifesta claramente nesta secção, separar a Inglaterra da França e Russia e mediante previo accordo, assegurar a neutralidade Ingleza em quaesquer eventualidades que podessem resultar de futuras exhibições de "punho armado" ou de "brilhante arnadura."

Pelo outomno de 1911, chegou-se a um accordo entre a França e Allemanha sobre a questão de Marrocos. Fallando a este respeito no Parlamento (27 de Novembro) Sir E. Grey manifestou vivos desejos de melhoria de relações com a Allemanha. A Grã-Bretanha tencionava manter as suas amizades existentes, mas não via por isso motivo para ficar privada da amizade de outras potencias. A Grã-Bretanha tinha facilitado uma liquidação amigavel da crise Marroquina entre a França e Allemanha. Esta liquidação pode dizer-se "havia "passado uma esponja" tambem relativamente sobre as relações da Allemanha com a Inglaterra. Assim o havia dito o chanceller Allemão e Sir E. Grey havia ficado encantado quando o soubera. Elle corresponderia cordialmente a qualquer desejo da Allemanha de melhoria de relações e nada encontraria de atrabiliario na attitude da politica Ingleza.

Em principios de 1912 fez-se saber ao governo Britannico que seria grato ao imperador Allemão que um membro do gabinete fosse até Berlin para discutir sobre as relações entre os dois paizes. Lord Haldane que ao tempo estava cogitando em uma excursão á Allemanha para assumptos particulares, foi deputado para ir a Berlin e discutir a situação com o

chancellor Allemão. Em sentido algum era elle um pleni-potenciario; tinha recebido instrucções para discutir certas coisas sobre uma base estrictamente não compromettedora achava-se porcm de plena posse, bem entendido, das vistas do Governo, que elle apresentou com suavidade, mas de facto com grande vigor. É provavel que nenhum outro emissario podesse ter sido mandado que fosse mais *persona grata* em Berlim e por isso se tornam ainda mais notaveis os resultados negativos de sua missão.

Os preliminares immediatos não foram animadores. Lord Haldane chegou a Berlim em 9 de Fevereiro de 1912 e dois dias antes o imperador ao abrir o Reichstag annunciára grandes augmentos tanto na armada como no exercito. Os augmentos pela nova lei au armada allemã eram calculados officialmente em 3 unidades de combate, 15,000 homens, muito submarinos e um dispendio de 13 milhões esterlinos.

A proposta principal do chancellor Allemão era de que os dois governos chegassem a um accordo sobre uma formula no sentido de que nenhum des paizes entrasse em qualquer combinação contra o outro. Lord Haldane fez algumas perguntas pertinentes ao imperador, ao chancellor e almirante von Tirpitz. De que serviria entrar em um solemne accordo de amizade se justamente nessa occasião a Allemanha ia augmentar as sua esquadras de combate como precaução contra a Grã-Bretanha, a qual por sua vez teria de augmentar a sua como precaução contra a Allemanha? Não seria caso para irrisão universal o entrar em um accordo para introduzir melhor espirito nas relações dos dois paizes e ser este logo seguido de um augmento no programma Allemão de construcção naval? A resposta Allemã a taes perguntas foi que sem um accordo politico geral não poderia haver um accordo naval e que em troca de um accordo politico aceitavel não poderia haver redução no programma naval augmentado, mas poderia haver alguma retardação temporaria. A proposta de 1910 (pagina 13) que havia sido retirado em 1911 (pagina 15) foi renovada; mas com duas differenças; a escala a que se poderia applicar a retardação havia sido augmentada no entretanto e o compromisso para a retardação passava a ser um "entendimento" apenas e não um accordo escripto, isto é passava a ser qualquer cousa de menos força do que "um pedaço de papel."

O offerecido entendimento naval, mesmo assim não chegou a ir mais longe, pois verificou-se ser impossivel satisfazer o governo Allemão com respeito a um accordo politico. Sir E. Grey estava prompto a pôr em termos de accordo formal, o espirito da politica Britannico que tantas vezes expuzera nos seus discursos e foi suggerida a seguinte formula em termos cuidadosamente ponderados pelo gabinete Britannico:—

"Achando se as duas potencias naturalmente animadas do desejo de assegurar a paz e amizade entre si, a Inglaterra declara que não fará nem se juntará para fazer

qualquer ataque sem provocação, contra a Allemanha. A aggressão contra a Allemanha não constitue o objecto nem fórma parte de qualquer tratado, entendimento ou combinação em que a Inglaterra seja participante, nem esta se prestará a ser participante no que quer que seja que tenha isso por objecto.”

Claro está, ficava entendido que a Allemanha teria de assignar um compromisso semelhante. Os termos porem de Sir E. Grey não lhe satisfizeram. Ella queria mais do que una garantia contra a aggressão Britannico. O embaixador Allemão pediu um penhor da neutralidade Britannica no easo da Allemanha se achar envolvida em guerra. Por outras palavras, queria que fosse desmantelada a triplice “entente” defensiva e que deixassem a Allemanha entender-se com a França ou a Russia ou a Belgiea, sem risco algum de que a Inglaterra interviesse na questão.*

Sir Edward Grey em resposta explicou francamente ao Conde Metternich como a sua proposta era encarada pelos estadistas Britannicos. A linguagem que o nosso ministro dos negocios estrangeiros empregou em 1912 foi por assim dizer do mesmo theor que a das outras conversações mencionadas no Livro Branco de 1914. Da parte de Inglaterra não havia designio algum aggressivo na sua politica e a França sabia perfeitamente que se procedesse de forma aggressiva contra a Allemanha não poderia contar com apoio algum do governo Britannico, nem seria apoiada pela opinião do publico Britannico. A Grã-Bretanha estava prompta a entrar em um aeordo incorporando estes pontos, mas não podia comprometter-se a permanecer neutral a despeito de tudo o que podesse acontecer. Era de conceber que viria um dia em que o governo Allemão podesse desejar esmagar a França. Se a Inglaterra se compromettesse desde logo a fiar de fóra, talvez depois de ter assistido á ruina de França ver-se ia obrigada a combater mais tarde sósinha. Não deve esquecer-se que a Allemanha estava augmentando consideravelmente os seus armamentos navaes e militares a nesse tempo, e em recentes annos havia ameaçado a França e a Russia com as armas. As negociações Anglo-Germanicas descriptas nesta secção fracassaram logo.

A razão do fracasso e os aspectos salientes deste capitulo dos esforços Inglezes para assegurar a paz estão bem patentes. Todas as tentativas do governo Britannico para promover a redução reciproca ou mesino limitação, dos enargos com os armamentos navaes esbarraram com a inabalavel opposição da Allemanha.

* Cabe aqui serem recordadas as palavras do historiador Allemão Treitschke: “Se o nosso imperio tem a coragem de observar uma politica colonial independente com resolução, torna-se inevitavel uma collisão de nossos interesses com os de Inglaterra. Era natural e logico que a nova grande potencia da Europa central tivesse que regular os seus negocios com todas as grandes potencias. Liquidámos as nossas contas com a Austria-Hungria, França e com a Russia. A ultima liquidação, a liquidação com a Inglaterra será provavelmente a mais demorada e mais difficil.”

As negociações para um accordo politico deram em nada porque a Allemanha não estava satisfeita com simples garantias contra aggressão; queria como condição, ainda mesmo para o mais nebuloso accordo naval, que o governo Inglez se se obrigasse a conservar neutral em uma guerra Europea.

VII.—PROPOSTA DE “FERIADO NAVAL”; COOPERAÇÃO POLITICA COM A ALLEMANHA, 1912-3.

O fracasso das negociações de que trata o § VI não levou o governo Britannico a abandonar todas as tentativas para a redução de encargos navaes ou adopção de una attitude hostil para com a Allemanha.

Os novos augmentos navaes propostos pela Allemanha em 1912 faziam na verdade parecer tornar futil a continuação de negociações reaes, mas o nosso governo em uma declaração publica ainda deixou a porta aberta. O ministro da marinha (Mr. Churchill) ao apresentar o orçamento em 1912 e ainda em 1913 fez a sua proposta de um “feriado naval.” Comprometteu-se a que qualquer retardação ou redução nas construcções navaes Allemãs seria observada da neste paiz em igual proporção. Se a Allemanha se resolvesse a tomar ferias e não construir navios alguns em determinado anno, a Inglaterra procederia da mesma forma e abandonaria o seu programma para o mesmo anno. Por esta maneira “sem negociações, regateios ou a minima restricção sobre a liberdade soberana de um ou outro paiz” se conseguiria algum allivio. A Allemanha não adoptou o alvitre.

Se bem que não havia forma de se adiantar trabalhos por via de negociações directas com a Allemanha, o curso dos acontecimentos na Europa permittiu ao governo Britannico poder mostrar a sua benevolencia para com aquelle potencia e o seu vivo desejo de cooperar para a manutenção da paz Europea. Quando fallaram as negociações directas Sir E. Grey fallou neste sentido com o embaixador Allemão. O que elle disse em particular foi o que elle disse em publico. Ao Conde Metternich disse que segundo seu modo de ver todas as cinco potencias, incluindo a Allemanha, deviam estar de accordo antes de emprehender qualquer acção para intervir entre a Turquia e a Italia e que com respeito as perturbações nos Balkans o ponto principal era para todas as potencias, independente do seu agrupamento em Alliança e Entente conservar-se em contacto umas com as outras. Disse tambem o quanto lhe agradára ver a Russia (uma potencia da Entente) chegar a accordo com a Austria-Hungria (potencia alliada). Da adopção de tal norma de acção dependia a melhor esperanza da paz Europea. Da mesma maneira, fallando na Camara dos Communs (13 de Março de 1911) disse “Temos o mais vehemente desejo de ver os que são amigos, em bons termos com as outras potencias e vel-o-hemos sem ciume e com satisfação.” Novamente (em 10 de Julho de 1912):

“Quaesquer que sejam os grupos diplomaticos, não julgo que deva isso evitar franqueza e troca de modos de ver, quando se suscitam questões de interesse reciproco e tendo isso logar, não se segue necessariamente que os agrupamentos diplomaticos separados, estejam em campos diplomaticos oppostos.”

Sir Edward Grey practicava, o que pregava. A sua politica durante a crise dos Balkans de 1912-13 conquistou-lhe de alguns lados o titulo de “Pacificador da Europa” e as seguintes palavras de apreciação benevola do secretario de estado Allemão (Herr von Jagow).

“Uma das ultimas declarações, e se não me engano a ultima de todas, feita pelo meu predecessor no Reichstag tratava das nossas relações com a Inglaterra. Declarou elle nessa occasião, que no decorrer de toda a recente crise (no Oriente) as nossas relações com a Inglaterra tinham sido especialmente leaes. Apontou o bom serviço prestado á causa de um entendimento entre todas as potencias por meio de franca conversação conduzida em plena confidencia entre Londres e Berlim durante todas as phases desta crise e manifestou ter esperanças de que continuaria a prestar este serviço. É para mim muito grato que na primeira occasião que se me depara de fallar d’este logar me seja dado poder dizer que taes esperanças tem sido absoluta e plenamente realizadas. A troca intima de vistas que estamos mantendo com o governo Britannico tem contribuido para muito sensivelmente se removerem difficuldades de vario genero que se tem apresentado durante os ultimos mezes. Temos podido, ver que não só temos pontos de contacto com a Inglaterra, de indole sentimental, como tambem existirem interesses semelhantes. Não sou propheta, mas alimento a esperança que no terreno de interesses communs, o quel na politica constitue o terreno mais fertil, podemos continuar a trabalhar com a Inglaterra e talvez colher o fructo de nossos labores (Discurso no Reichstag, 7 de Fevereiro de 1913).”

VIII.—COOPERAÇÃO PARA A PAZ TERMINADA PELO “PUNHO ARMADO,” 1914.

Infelizmente estes labores ficarem estereis. Precisamente como em 1910, quando parecia despontar a esperança de um entendimento diplomatico, foi esta detruida pelo intervenção subita do “punho armado” (veja-se acima, pagina 18), da mesma forma a perspectiva diplomatica favoravel, que acabamos de descrever em 1913, ficou fatalmente annuviada em 1914 por uma apparição da “brilhante armadura.” Em outro logar fiz

um summario da evidencia contida no livro branco Inglez, que mostra o quanto o governo Britannico luctou com insistencia para manter a paz Europea e como em cada étape estes esforços foram frustrados pela Allemanha. E cabe bem aqui accrescentar, que o caso contra a Allemanha—o caso de ter ella deliberadamente proseguido a politica do “punho armado” em vez da politica diplomatica, se acha provado não menos claramente no resumo prefixo ao seu livro branco. “Estavamos “perfeitamente ao facto que uma possivel attitude bellicosa “da Austria Hungria contra a Serbia poderia fazer entrar a “Russia em campo e que portanto nos poderia envolver em “uma guerra em virtude dos nossos deveres de alliados “Permittimos á Austria que procedesse a seu bel-prazer “contra a Servia Sir Edward Grey tinha feito uma “proposta para submetter as differenças entre a Austria-Hungria “e Serbia a uma conferencia dos embaixadores, da Allemanha, “França e Italia presidida por elle. Declarámos, não poder “participar em semelhante conferencia.” Como se vê, não se admittia diplomacia que fosse animada de intentos pacifistas e só a “brilhante armadura.” Ainda assim, esta exhibição poderia ter deixado da causar uma guerra Europea se o “punho armado” da Allemanha não estivesse nisso empenhado. A tragedia culminante pode apreciar-se mais completamente pela leitura do despacho dirigido a Sir Edward Grey por Sir M. de Bunsen ex-embaixador da Grã-Bretanha em Vienna:—

O governo Allemão pretende ter perseverado até ao final, na tentativa de coadjuvar em Vienna as vossas successivas propostas nos interesses da paz. Herr von Tchirschky absteve-se de solicitar a minha co-operação ou a dos embaixadores Francez e Russo para levar a cabo as instrucções delle neste sentido e não tive meios de saber qual a resposta que elle estava tendo do governo Austro-Hungaro. Comtudo, eu estava sendo plenamente informado por M. Schebeko o embaixador Russo, das suas proprias negociações directas com o Conde Berchtold (ministro dos negocios estrangeiros austriaco). M. Schebeko diligenciou em 28 de Julho persuadir o governo Austro-Hungaro a conceder plenos poderes ao Conde Szápary (embaixador Austriaco na Russia) para proseguir em S. Petersburgo com as promettedores conversações que alli tinham tido logar entre elle e M. Sazonoff (ministro Russo dos negocios estrangeiros). Na occasião, o Conde Berchtold recusou, mas dois dias depois (30 de Julho), se bem que a Russia entretanto se tivesse parcialmente mobilizado contra a Austria, novamente recebeu M. Schebeko de um modo perfectamente amistoso e deu consentimento para que continuassem as conversações em S. Petersburgo. D'aqui em diante a tensão entre a Russia e Allemanha tornou-se muito maior do que entre a Russia e Austria. Entre estas parecia estar quasi eminente um

arranjo. . . . M. Schebeko tendo me dito repetidas vezes que estava preparado para aceitar qualquer conciliação razoavel. Infelizmente estas conversações em S. Petersburgo e Vienna foram interrompidas de vez pela passagem da controversia para o terreno mais perigoso, de um conflicto directo entre a Allemanha e a Russia. A Allemanha interveiu em 31 de Julho por meio do seu duplo ultimatum a S. Petersburgo e Paris. Os ultimatums eram daquella ordem que só tem uma resposta possivel e a Allemanha declarou guerra á Russia em 1 de Agosto e á França em 3 de Agosto. Uma demora de poucos dias poderia talvez ter salvo a Europa de uma das maiores calamidades da historia.

“Uma das maiores calamidades da historia” pode attribuir-se directamente á insistencia da Allemanha em fazer uso do “punho armado” de preferencia á diplomacia pacifista, ainda mesmo quando a Austria se não achasse indisposta a dispensar o auxilio da “brilhante armadura” de sua alliada.

CONCLUSÃO: OS DOIS CAMINHOS.

Com respeito ás relações da Inglaterra e Allemanha, a narrativa das negociações mais previas que se contem nas paginas precedentes pode considerar-se como propriamente terminada com o appello de Sir Edward Grey ao chanceller Allemão, feito em 30 de Julho de 1914 quando ainda se não sumira toda a esperanza de paz:—“Deve accrescentar com “toda a vehemencia,” disse elle ao embaixador Britannico em Berlin, “que o meio de se manterem as boas relações entre Inglaterra e Allemanha é continuarem a trabalharem juntas para preservar a paz da Europa; se conseguirmos este intuito, as relações reciprocas de Allemanha e Inglaterra ficarão, creio *ipso facto* melhoradas e robustecidas. Para esse fim, o governo de Sua Majestade trabalhará neste sentido com toda a sinceridade e boa vontade. E direi mais, se poder sustentar-se a paz de Europa e passar-se a salvamento a actual crise, minhas proprias diligencias scrão com o fim de promover algum arranjo de que participe a Allemanha e pelo qual ella fique assegurada de que nenhuma politica aggressiva ou hostil será proseguida contra elle ou seus alliados “pela França, Russia e nós, junta ou separadamente.”

Está pois demonstrado que este era o espirito da politica Britannico nos annos precedentes. As negociações acima resumidas estabelecem incontestavelmente os seguintes factos historicos, em referencia a cada um dos quaes a Grã Bretanha seguiu um caminho e a Allemanha um outro:—

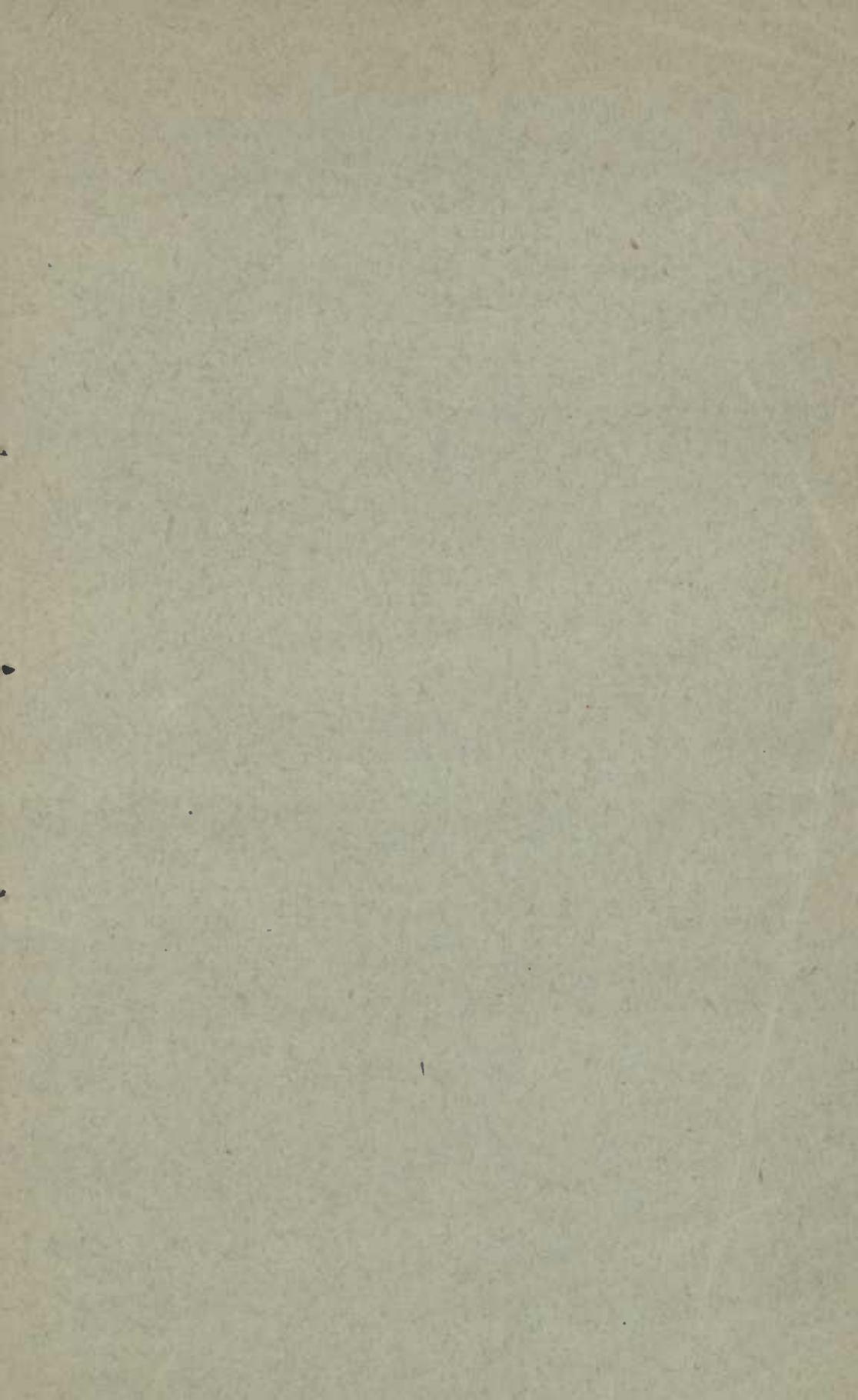
(1) A Grã Bretanha fez reduções navaes em 1906 e estava prompta, como escreveu Sir H. Campbell Banner-

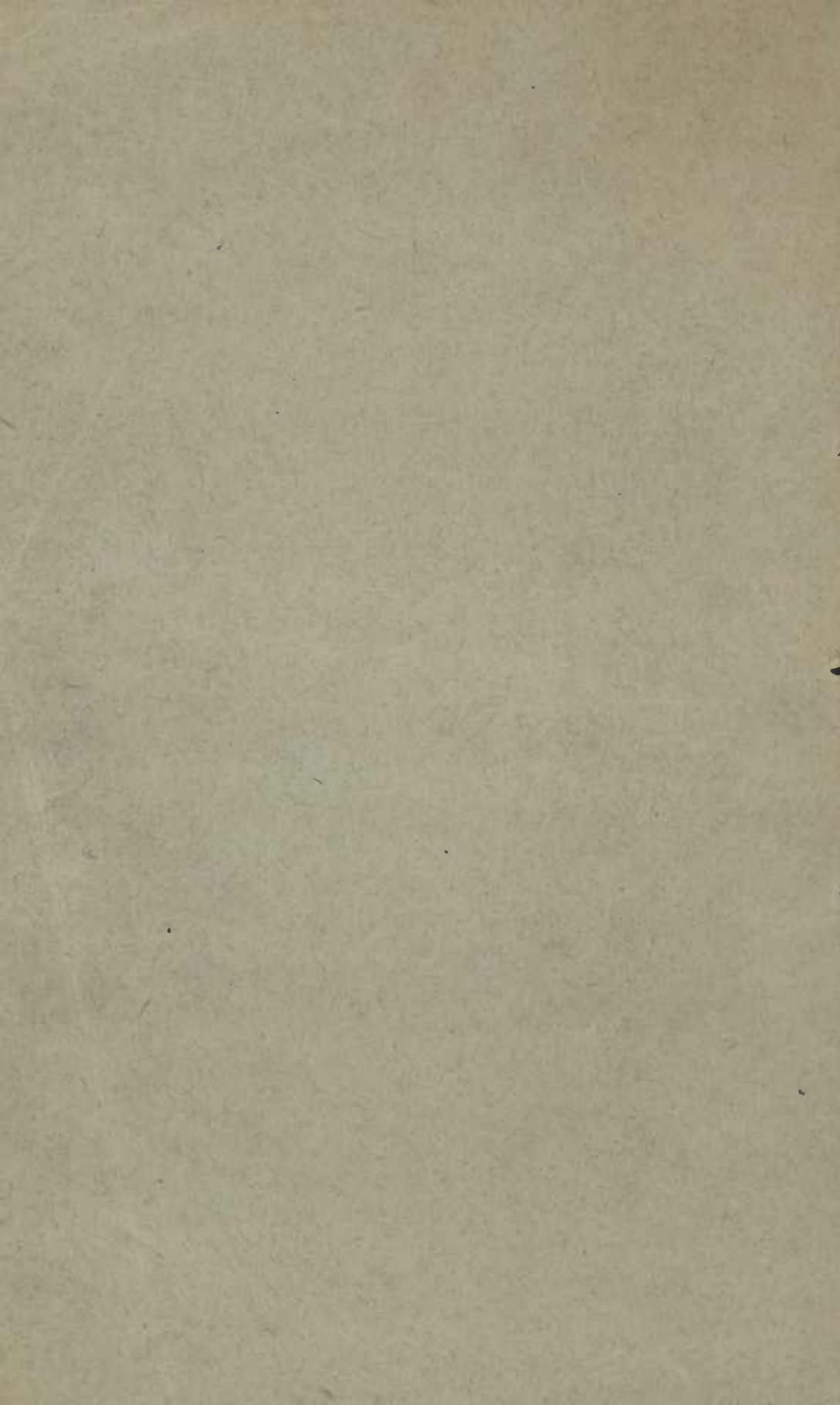
man em 1907, a ir mais longe "se de outro lado se " evidenciasse disposição semelhante." A Allemanha não mostrou tal disposição.

(2) A Grã Bretanha esforçou-se pela co-operação com a Allemanha a bem da causa de paz Europea; co-operação que foi apreciada por dois successivos secretarios de estado Allemães em declarações feitas no Reichstag. A Allemanha em varias occasiões "arrastou a espada" e na crise suprema recusou co-operar com a Inglaterra.

(3) A Grã-Bretanha estava preparada a se comprometter a não fazer ou tomar parte em qualquer ataque sem provocação, contra a Allemanha. Esta recusou-se a entrar em ajuste nessa base, mas exigia que a Inglaterra acquiescesse a una formula de neutralidade cujo fim determinado era o de destruir as suas amizades existentes com a França e Russia e pela qual teria abandonado as suas obrigações dos tratados para com as potencias paquenas.

Não está pois evidente que em todos os casos a Grã-Bretanha tem procurado o caminho da paz e que a Allemanha tem seguido o caminho que conduz á guerra?





NB



•EFG000106293•